



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CERRO LARGO
ESPECIALIZAÇÃO EM ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

TATIANE SILVEIRA BERNARDO

**A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E A CONSTRUÇÃO DE UMA PERSPECTIVA
BASEADA NA DIALOGICIDADE**

CERRO LARGO

2017

TATIANE SILVEIRA BERNARDO

**A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E A CONSTRUÇÃO DE UMA PERSPECTIVA
BASEADA NA DIALOGICIDADE**

Artigo científico apresentado ao curso de Especialização em Orientação Educacional da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para a obtenção de título de Especialista em Orientação educacional.

Orientadora Prof. Dra. Ana Cecilia Teixeira Gonçalves.

CERRO LARGO

2017

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E A CONSTRUÇÃO DE UMA PERSPECTIVA BASEADA NA DIALOGICIDADE

Tatiane Silveira Bernardo¹

Ana Cecília Teixeira Gonçalves²

RESUMO

A orientação educacional desenvolve um papel muito significativo no relacionamento humano na escola e na comunidade escolar, em benefício de um clima de convivência saudável. O diálogo e a prática mediadora devem marcar presença no dia a dia da orientação educacional, sendo assim, é indispensável conduzir debates entre alunos, professores, pais e as demais equipes de trabalho. O objetivo deste trabalho é apresentar a metodologia dos círculos restaurativos para as instituições de ensino, colaborando para que tenhamos relações cada vez mais horizontais. Os círculos restaurativos promovem o diálogo e conduzem a reflexão acerca dos valores humanos, como ética, cooperação, responsabilização e autonomia. A linguagem possui uma função de grande relevância nos círculos restaurativos: ela é própria do processo educativo de formação humana e é através dela que nós temos a possibilidade de nos ligarmos com as necessidades dos outros sujeitos, e é igualmente a linguagem que potencializa a construção de relações baseadas na empatia e na dialogicidade. Os fundamentos apresentados no texto reúnem argumentos de teóricos da educação que incentivam os educadores a encontrarem meios de oportunizar o diálogo entre sujeitos da comunidade escolar, seja para mediar um conflito, refletir acerca de valores, fortalecer a democracia ou dar voz aos sujeitos. Neste contexto, apresentamos os círculos restaurativos como uma ferramenta para auxiliar a orientação educacional na construção de uma perspectiva baseada no diálogo.

Palavras-chaves: círculos restaurativos; linguagem; orientação educacional; valores humanos.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo foi realizado na perspectiva dialógica dos círculos restaurativos, buscando conciliá-lo com o papel da Orientação Educacional nas escolas. Desse modo, visamos encontrar subsídios para promover os círculos restaurativos, trazendo ao centro das discussões os valores humanos indispensáveis para a convivência social.

Refletimos, ao longo desse estudo, sobre o trabalho de alguns teóricos como Paulo Freire, Miriam Grinspun, Marschal Rosenberg e outros que, através de suas obras, corroboram com a perspectiva do diálogo como o caminho para a redução

¹ Pós graduanda em Orientação Educacional pela UFFS. E-mail: tatianesbernardo@yahoo.com.br

² Doutora em Letras pela UFSM, professora assistente da UFFS. E-mail: acgteixeira@uffs.edu.br

dos conflitos escolares, a escuta que nos leva a compreensão do outro, legitimando-o e construindo relações mais saudáveis.

Nesse sentido, os círculos restaurativos surgem com uma proposta de metodologia muito apropriada para resgatar e construir vínculos, discutir valores, mediar conflitos, empoderar o sujeito e garantir o seu direito à liberdade da palavra. Os círculos restaurativos nos apresentam elementos importantes que nos renovam as esperanças, pois elegem o diálogo e a interação propiciada pela linguagem entre os sujeitos.

Em boa parte das escolas, ainda presenciamos muitas sanções, advertências e até exclusão de alunos que não aceitam o viés dominador da instituição de ensino, e conseqüentemente maior é a resistência desses estudantes com relação a esse tipo de discurso. Por outro lado, os círculos restaurativos apontam vários caminhos para a promoção da discussão das relações sociais e dos valores que as permeiam, seja na escola ou na sociedade. Afinal, o desenvolvimento do pensamento se configura a partir da experiência e da interação com o outro, e é desta maneira que construímos internamente nos nossos hábitos culturais e os nossos sistemas linguísticos. Por essa razão, seguramente, acreditamos nas contribuições dos círculos nos ambientes escolares, pois é um espaço de diálogo com muitas possibilidades de (re)aprender novas formas de linguagens.

2. A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E A SUA AÇÃO MEDIADORA NA ESCOLA

Existem alguns educadores que acreditam que a escola não deve transmitir valores aos alunos, e que essa responsabilidade é da família, porém, com relação ao nosso viés, não conseguimos pensar a escola sem essa transmissão de valores humanos, que deve ocorrer durante todo o processo educativo. E quando nos referimos a valores, falamos daqueles capazes de impulsionar um verdadeiro processo de mudança social, com foco no diálogo, na responsabilidade, na cooperação, promovendo a paz, e conhecendo os valores da justiça restaurativa acreditamos que é possível a Orientação Educacional se *apropriar* desse

conhecimento para se instrumentalizar e debater o tema *Valores* dentro das escolas.

A Orientadora Educacional, Mirian Grispun, incluiu em seu livro *Autonomia e Ética na Escola: O novo mapa da educação*, um capítulo sobre ética, valores e educação. Segundo a autora, “a orientação educacional basicamente trabalha com os valores, e, portanto precisamos refletir sobre a questão” (GRISPUN, 2014, p. 66).

Destacamos primeiramente um conceito muito significativo sobre educação, que Grispun (2014, p. 87) aponta: “no mundo de hoje, talvez a educação seja o problema mais significativo que temos, na medida em que ela está comprometida com todas as outras áreas e segmentos que compõem o tecido social”. É importante refletirmos essa proposta, pois nos permite ter a real dimensão do valor da educação para a sociedade. E o que muitas vezes chamamos de “crise na educação”, nada mais é que uma crise dos valores sociais, ou seja, “a educação tem dificuldades em estabelecer seus valores em virtude da crise de valores existentes em todas as instituições sociais” (2014, p. 91).

No momento em que passamos a valorizar o imediatismo, a competitividade, a busca por vantagens, faz-se urgente que a educação encontre meios para mediar as discussões acerca desses valores e colabore com uma formação mais humanizada, a qual privilegie o diálogo, a fraternidade, a liberdade e a responsabilidade.

Com relação ao papel da Orientação Educacional nesse processo educativo, Grispun (2014, p.94) salienta:

A educação, por fim, estando comprometida com os atos humanos, levará o aluno – objeto e objetivo dessas ações – o entendimento do que sejam conhecimentos, os valores, as crenças, os mitos, os desejos, os interesses e as necessidades. A educação, acompanhando e interferindo na própria história e, por conseguinte, na história que o aluno produz, poderá e deverá promovê-lo a ser um agente mais crítico e consciente – pelo saber e poder – na transformação da sociedade, e, portanto, na sua própria transformação individual. Um ser que pensa, que age, que constrói, que se emociona e que, por certo, há de se juntar aos demais na busca de uma sociedade mais justa, igualitária e humana.

É uma perspectiva maravilhosa, banhada em esperança, com as mais nobres aspirações humanas, porém os desafios são incontáveis, mas, como própria autora nos diz, “a vida tem muitos desafios, mas saber enfrentá-los é uma tarefa que a

orientação educacional procura desenvolver” (GRISPUN, 2014, p. 94). A orientação educacional entre suas tantas outras atribuições não pode esquecer o seu papel na mediação e na articulação da comunidade escolar.

Em sua obra, Grispun (2014, p.96) faz questionamentos relevantes e pertinentes ao contexto atual da escola, e sob a perspectiva dos procedimentos restaurativos podemos refletir sobre os caminhos que são possíveis traçar para que essas questões sejam respondidas. As indagações são as seguintes:

- *Como e quando as vozes dos alunos são ouvidas?*
- *Como podemos avançar no retrato desse cotidiano e promover com o aluno convivência dos valores?*

Lendo e estudando as propostas dos círculos restaurativos, pensamos que se esta não é a chave, ao menos aponta um caminho para chegarmos às respostas destas questões. É com as esperanças renovadas que vemos essa metodologia ganhando espaço dentro da Orientação Educacional.

É um novo olhar sobre os velhos conflitos, todo esforço na busca de encontrar soluções humanizadas e que nos permitam entrar em contato com a nossa condição humana. É um trabalho que deve ser realizado, uma vez que é necessário romper com a cultura da punição, que é excludente e degradante. Desse modo, os círculos restaurativos parecem-nos um grande avanço nesse sentido, visto que hoje restauramos relacionamentos, amanhã resgatamos valores e futuramente despertamos consciências. Trata-se de um trabalho contínuo que nos permite uma nova perspectiva.

Quando retornamos à pergunta de Grispun, “*Como e quando as vozes dos alunos são ouvidas?*”, perguntamo-nos, também, por que não a partir dos círculos restaurativos, já que essa metodologia instrumentaliza nossos alunos para que desenvolvam a sua liberdade da palavra, fortalece a democracia e abre caminhos para a resolução dos conflitos. Nesse sentido, a seguir, abordamos a metodologia proposta para o desenvolvimento dos círculos restaurativos.

2.1 A metodologia dos círculos restaurativos

Antes de adentrarmos nos valores restaurativos, falaremos um pouco sobre o que é um círculo restaurativo, como ele é dividido e qual é o procedimento usual. O círculo restaurativo, na perspectiva de Brancher (2008), é um espaço de diálogo e comunicação, assim sendo, o uso da linguagem tem um amplo significado em todas suas dinâmicas. Compõem-se de três etapas: o pré-círculo restaurativo, o círculo restaurativo e o pós-círculo restaurativo.

Para isso, é necessário que haja um Coordenador do círculo, alguém que tenha as habilidades necessárias para organizar, acolher e ouvir com sensibilidade os participantes do círculo. A tarefa principal consiste em atender às necessidades da vítima e, após isso, ouve-se o ofensor, na expectativa de compreender os sentimentos de culpa, raiva, vergonha e as responsabilidades futuras.

O Coordenador do círculo, antes de tudo, deve promover um “pré-círculo” – que é o primeiro contato com os participantes, no qual ele precisa tomar conhecimento de todas as informações que geraram o conflito. O Coordenador reúne-se com cada um dos participantes, a fim de ouvi-los de maneira empática, sensível e respeitosa, buscando estabelecer um vínculo de confiança, demonstrando uma postura ética, imparcial e sigilosa. A partir disso, marca-se uma data em comum acordo para a iniciação do “círculo”.

Brancher (2008, p. 42), no manual de iniciação à justiça restaurativa, elaborado pela Escola Superior de Magistratura, diz que “o pré-círculo propicia condições para que o círculo possa acontecer. Desenvolver-se através de encontros do Coordenador com os envolvidos, visando convergir com cada um sobre: o fato ocorrido, suas consequências, e o restante do procedimento restaurativo”.

O Coordenador do círculo deve atentar-se para algumas informações importantes, pois é nesse contexto que estabelecemos os vínculos de confiança entre o Coordenador e os participantes. Todos devem ser informados sobre como e quando ocorrerão as demais etapas do procedimento, devem ser claros os objetivos e os resultados que desejamos alcançar com o círculo.

Ainda na perspectiva de Brancher (2008), para iniciar o processo do círculo restaurativo, que é a segunda etapa do procedimento, é necessário que todos estejam sentados em círculo, pois o círculo deixa todos em uma posição de

igualdade, em que não há hierarquia, e se possível sem nenhum móvel no meio, dessa forma, todos se enxergam. Alguns objetos devem ser colocados no centro, para criar um foco central nos participantes, de preferência algo que tenha significado para os membros. Além disso, é preciso marcar esse início com uma cerimônia de abertura: um objeto, chamado de objeto da palavra, é passado de pessoa em pessoa até que retorne ao primeiro. Por fim, uma cerimônia de encerramento deve ser realizada para marcar o final do círculo.

Na teoria, a metodologia é aplicada desta maneira, mas há muito mais a ser feito; é preciso que exista uma conexão entre os participantes e mesmo quando haja um conflito entre eles que se busque sempre o equilíbrio. Por isso, o Coordenador deve conduzir o círculo, primeiramente debatendo os valores que eles desejam ver inseridos no diálogo e algumas orientações e depois através de perguntas norteadoras.

Segundo Pranis (2011, p.36), na abertura do círculo, devemos instigar um debate acerca dos valores que desejamos que emergja no decorrer das discussões, pois essa atitude trará reflexos que conduzirão o comportamento do grupo:

A conversa sobre valores, antes de começar a discutir os assuntos difíceis, pode mudar drasticamente o modo como as pessoas vão interagir na hora de lidar com as preocupações mais desafiadoras, uma vez que os valores expressam o nosso melhor eu, eles nos dão uma visão de como é o nosso eu verdadeiro. Nós temos a experiência de agir a partir de nosso eu verdadeiro de uma forma que geralmente não nos sentimos apoiados para fazê-lo. O espaço do círculo está projetado para nos ajudar a ir em direção ao nosso melhor eu ou verdadeiro eu - de onde quer que estejamos.

O objetivo das perguntas norteadoras é o de encorajar cada um a falar sobre suas experiências; é um convite para partilhar suas vivências, sempre com o foco nos sentimentos e não nos fatos. O Coordenador deve usar a linguagem da comunicação não-violenta (CNV) para auxiliar o despertar da empatia, que pode ser descrita como uma forma de linguagem que auxilia a nos concentrarmos nos sentimentos e necessidades, ao invés de focarmos nos “rótulos” desumanizadores, ou outros padrões habituais, que muitas vezes podem parecer com exigências e contribuem para violência contra nós mesmos e aos outros. Para Rosenberg (2006, p.32),

A CNV nos ajuda a nos ligarmos uns aos outros e a nós mesmos, possibilitando que nossa compaixão natural floresça. Ela nos guia no processo de reformular a maneira pela qual nos expressamos e escutamos os outros, mediante a concentração em quatro áreas: o que observamos, o que sentimos, do que necessitamos, e o que pedimos para enriquecer a nossa vida. A CNV promove maior profundidade no escutar, fomenta o respeito e a empatia e provoca o desejo mútuo de nos entregarmos de coração.

É importante que o Coordenador lembre-se de harmonizar-se, pois o processo restaurativo exige equilíbrio e paz para que o resultado seja positivo. Ele deve estar conectado com as necessidades de todos. Brancher (2008, p.3), no manual de Iniciação em justiça restaurativa, descreve que o perfil do Coordenador deve ser constituído por algumas características:

Ser um Coordenador não implica ser carismático, líder natural, ou, tampouco, um mediador, ainda que essas qualidades possam ser uteis na função. Ser Coordenador exige, sim, ser radicalmente respeitoso com as pessoas que participam do círculo, mesmo nos momentos mais complexos. O Coordenador deve garantir que todos os participantes assumam a responsabilidade de manter o círculo e fazer dele um espaço seguro e propício para o diálogo aberto e sincero. Adicionalmente, deve assegurar-se de que todas as pessoas tenham claro que no círculo se respeita a confidencialidade.

No pós-círculo, que é a última etapa do procedimento restaurativo, é realizada entre os participantes uma avaliação para discutir sobre o andamento do acordo realizado durante o círculo restaurativo. Nesse diálogo, eles verificam se o acordo está sendo cumprido, se as necessidades de todos estão sendo satisfeitas e se todos entenderem que o acordo está sendo cumprido. Em caso afirmativo, encerra-se o círculo, caso contrário, os participantes podem elaborar novos acordos e ações, buscando a satisfação de todos.

Nessa perspectiva, entendemos que, no desempenho profissional da Orientação Educacional, é possível desenvolver um espaço na escola para os círculos restaurativos, pois, se desejamos uma Orientação “atual e contextualizada, queremos ajudar o aluno a pensar, falar, criar; queremos dar-lhe a possibilidade de se conhecer e de estabelecer ou procurar novos caminhos que viabilizem sua trajetória futura” (GRINSPUN, 2014, p. 60).

2.2 Construindo uma perspectiva dialógica

O principal objetivo dos círculos restaurativos é trabalhar os conflitos, mas nada impede que seja usado como um instrumento que promova o diálogo, e, como dito anteriormente, colabore para o fortalecimento da democracia. Grinspun (2014, p.61) afirma ainda que “a melhor resposta à pergunta proposta seria aquela que mostra uma prática que ajude os alunos, principalmente na sua trajetória de construção de um mundo melhor, mais humano e mais fraterno. E isso ninguém pode fazer sozinho”.

Esse é apenas um modelo de círculo restaurativo, porém ele pode e deve ser flexibilizado de acordo com a necessidade de grupo, talvez não haja uma vítima, ou um ofensor, e sim um momento de diálogo franco e aberto, para que os alunos possam conhecer melhor a realidade e a dificuldade do outro, na busca por empatia, pois, quando reconhecemos que há muitas necessidades a serem atendidas em um espaço educativo, fica mais fácil identificarmos quais são as nossas responsabilidades dentro desse espaço, sejamos educadores ou alunos.

É de suma importância que tenhamos a ideia clara de que é um procedimento que serve de modelo e guia, e não algo *engessado*. É um roteiro que serve de base ordenada e com a finalidade de apresentar um material de apoio. Caso contrário, o círculo perde o seu caráter colaborativo, restaurativo, e passa a ser mais um processo burocrático e automatizado.

O propósito que nos move como futuros orientadores educacionais vai muito além dos muros das escolas, enfrentamos, todos nós educadores, o desafio de uma verdadeira transformação social, formar um aluno para a vida em sociedade com uma postura protagonista e democrática é o nosso ideal. Em consonância com isso, Pelizzoli (2008, p. 58) defende que é necessário “desenvolver habilidades de negociação e resolução de problemas que lhes permitirão enfrentar mais construtivamente os conflitos em suas vidas. Eles podem aprender valores e demonstrar atitudes de aceitação da diversidade e apreciação dos direitos dos outros”.

Os círculos restaurativos nos permitem criar um ambiente propício para o resgate de valores humanos, afinal ensinamos a solidariedade e a tolerância porque

são valores necessários à constituição humana, estamos em busca de uma sociedade mais fraterna e solidária, mas para isso é necessário que passemos a vivenciar esses valores de alguma forma. E o diálogo é o método mais eficiente de transformação social.

Acreditamos que ainda nos falta o legítimo diálogo freiriano, regido pela amorosidade, respeitando o distinto, apreciando a diversidade e acreditando realmente na horizontalidade dos relacionamentos humanos. Esse pensamento reforça o quanto a prática dos círculos restaurativos pode nos auxiliar na inserção de novos hábitos e novos olhares nas relações entre as pessoas.

Através das obras de Paulo Freire, temos acesso a uma pedagogia banhada pelo mais digno ideal humano, e conciliar esse pensamento freiriano com os círculos restaurativos e a orientação educacional nos traz um novo horizonte, no qual não trabalhamos mais para adaptar o aluno à realidade do mundo, e sim os ensinamos a pensar em uma maneira de transformar essa realidade, com respeito ao outro, liberdade da palavra e justiça social.

A pedagogia de Freire é multicultural, valoriza a voz do sujeito, seja ele estudante ou professor, permite a todos o desenvolvimento da sensibilidade de escuta às mais variadas vozes, cultivando a horizontalidade das relações humanas. E os círculos restaurativos propiciam tudo isso, pois entre seus objetivos encontramos a necessidade em desenvolver o aluno para a convivência harmoniosa, porém, isso não significa que não haverá conflito, mas demonstra que, se ele ocorrer, vamos administrá-lo de maneira saudável e dialógica.

Acreditamos que a adesão aos círculos restaurativos, na escola, vai contribuir para que ela seja muito mais que um local de transmissão de conhecimentos, de conteúdos e informações; ao contrário, a escola conduzirá os alunos e os educadores a refletir acerca de valores, irá auxiliá-los a formar, transmitir e discutir as relações humanas, e não apenas resgatar os valores, mas, possivelmente, criar novos valores éticos, estéticos, sociais e espirituais. O importante é nos predispor ao diálogo, superando assim os preconceitos, analisando os conflitos e intervindo neles. Com o tempo e a cooperação os resultados vão surgindo, assim como nos elucida Pelizzoli (2008, p. 106):

O homem está em constante conflito e deve procurar cada dia um delicado equilíbrio para resolver a sua existência; a paz não resulta assim num estado de inércia, mas sim num impulso dinâmico que busca a realização desse equilíbrio, que traz harmonia e sossego à existência humana. Evidentemente a paz deverá ser feita e conquistada dia a dia com ações e virtudes cotidianas... a paz começa na interioridade da consciência de cada um, gota a gota, numa sementeira contínua, no cultivo, na cultura de exemplos.

Nesse sentido, é uma proposta de trabalho em longo prazo, em que o Orientador Educacional provavelmente levará um tempo para ver os resultados, porém há inúmeros pensadores que apoiam a ideia de que a escola precisa estar atenta ao que dizem os sujeitos. Precisamos dialogar com os nossos alunos e com os nossos educadores, pois promover o diálogo é promover a democracia. É mais do que dar voz aos nossos alunos, é ensiná-los a ter a liberdade da palavra.

Com base em uma concepção dialógica, é relevante criar condições para que ocorra o encontro da minha palavra com a palavra do outro, pois, dessa maneira, e a cada novo encontro, as identidades dos sujeitos participam de um processo de interação. A diversidade das vozes que nos cercam criam uma espécie de teia que altera a nossa percepção. Como nos diz Bakhtin (2006, p115), “através da palavra defino-me, em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros”. A partir do momento em que a palavra do outro ecoar em mim, fica mais fácil compreendê-lo e reconhecê-lo como um sujeito, um legítimo outro na convivência humana.

A linguagem, a interação e a interlocução devem ter o seu espaço garantido dentro da escola, e o Orientador Educacional é um dos profissionais que podem mediar todo esse movimento de subjetividades e ideologias, para a formação de um aluno consciente dos valores humanos, de respeito a si mesmo e ao outro. Alunos que entendam o conflito como uma oportunidade de autoconhecimento, de crescimento e amadurecimento pessoal.

O círculo restaurativo, como já dito anteriormente, é um espaço caracterizado pela busca do direito à alteridade, especialmente voltado à liberdade da palavra, em que há a possibilidade de circulação da palavra. Os círculos proporcionam as condições para esse exercício e com um grande potencial para a resolução dos conflitos na escola, oferecendo aos participantes outros pontos de vista, uma escuta e um olhar mais humano.

O círculo restaurativo é um momento de diálogo e comunicação, por essa razão a linguagem executa um papel extremamente relevante. O Coordenador do círculo deve garantir que cada participante tenha igual valor, dando voz igual a todos os envolvidos, já que é ouvindo o outro que vamos desenvolver a empatia, ouvir sem julgamentos ou preconceitos. Rosenberg (2006, p. 22) nos diz que “quando nos concentramos em tornar mais claro o que o outro está observando, sentindo e necessitando em vez de diagnosticar e julgar, descobrimos a profundidade de nossa própria compaixão.”

É através da linguagem que nos conectamos com o outro, mas entre o nosso discurso e a nossa atitude deve haver uma similaridade indiscutível, pois a linguagem não é apenas verbal, mas vai muito além das palavras. Segundo Freire (2014, p. 63), “as qualidades ou virtudes são construídas por nós no esforço que nos impomos para diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos”.

O aluno sabe quando o educador é fiel ao seu discurso, e é ingenuidade pensar o contrário, mas essa é infelizmente uma prática comum, não só na escola, mas em nossos lares, com a nossa família, porém isso causa uma confusão enorme na mente de uma criança e é um prejuízo ao desenvolvimento de um sujeito que chega à adolescência incrédulo dos verdadeiros valores humanos. Para Maturana (1998, p. 33):

O adolescente moderno aprende valores, virtudes que deve respeitar, mas vive num mundo adulto que os nega. Prega-se o amor, mas ninguém sabe em que ele consiste porque não se veem as ações que o constituem, e se olha para ele com a expressão de um sentir. Ensina-se a desejar a justiça, mas os adultos vivem na falsidade. A tragédia dos adolescentes é que começam a viver um mundo que nega os valores que lhes foram ensinados.

A orientação educacional precisa cooperar para que a trajetória de cada sujeito o leve a uma consciência reflexiva. Para Grinspun (2014, p.14), “não será mais mostrar o que é certo ou errado, para o aluno, ou bom ou mal para o seu desempenho, e sim levá-lo a pensar, refletir, analisar o significado e vivência desses valores”.

Quando nos referimos aos círculos restaurativos como uma forma de intervenção, compreendemos que inúmeras são as dificuldades, principalmente quando o assunto é relacionado a valores, estamos em constante risco de sermos

questionados, por isso é preciso ter claro quais os propósitos almejamos alcançar, quais valores a escola, os alunos e a comunidade acreditam que sejam essenciais para o desenvolvimento humano, qual a melhor maneira de aplicar a metodologia. Ouvindo, logicamente, sempre os sujeitos do processo educativo, afinal o objetivo é criar um espaço de construção de valores, de reflexões, de debate democrático, em que todos possuem direitos e deveres.

Os discursos verticais, mesmo nas gestões que se autodeclaram democráticas, são cada vez mais comuns, e agravados com a disseminação da informação que é cada vez maior através das redes sociais. Podemos perceber que há muitos “donos da verdade”, há muita intolerância nesse mundo para ser trabalhada, e na escola não é diferente. Desse modo, “é intolerável o direito que se dá a si mesmo o educador autoritário de comportar-se como o proprietário da verdade de que se apossa do tempo para discorrer sobre ela. Para ele, quem escuta se quer tem tempo próprio, pois o tempo de quem escuta é o seu, o tempo de sua fala” (FREIRE, 2014, p.114).

Escutar um sujeito vai muito além de nossa capacidade auditiva, exige sensibilidade e respeito, não é necessário concordar, mas será ouvindo o outro que encontraremos os argumentos para o diálogo, livre de preconceitos e julgamentos equivocados. Para Freire (2014, p. 117), a escuta jamais é autoritária. Ele diz ainda:

Deve fazer parte da nossa formação discutir quais estas qualidades indispensáveis, mesmo sabendo que elas precisam ser criadas por nós, em nossa prática, se nossa opção político-pedagógica é democrática ou progressista e se somos coerentes com ela. É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com a ciência e a técnica.

O pensamento de Freire é banhado em esperança, assim como os círculos restaurativos. Não há garantia de sucesso, mas o modelo atual que potencializa as posturas autoritárias e o controle dos sujeitos é degradante e excludente, por outro lado, os círculos restaurativos fortalecem a prática e a qualidade democrática de *escutar*, favorecem a redução da violência, pois é usada uma metodologia de linguagem como a comunicação não violenta, que nos ajuda a identificar os

mecanismos sutis que contaminam a linguagem, prejudicam as relações humanas e fragilizam os laços de amizade.

3. CONCLUSÃO

Se desejamos ter alunos com comportamentos saudáveis, fraternos e éticos precisamos apoiá-los, ouvi-los, entender o que eles sentem e como se sentem com relação a si mesmo. A leitura de mundo do aluno pode nos revelar situações muito complexas, e, na maioria das vezes, “justifica” o seu comportamento autodestrutivo, porém a abordagem restaurativa é um convite profundo à reflexão dos mais diversos conflitos, que prejudicam as relações sociais e a aprendizagem, geram a violência e, muitas vezes, são a causa para a evasão escolar.

Os valores dos círculos restaurativos dizem respeito, especialmente, sobre a construção de valores coletivos baseados na cultura do diálogo, da empatia, da tolerância e da solidariedade. E permitem a reflexão sobre as atitudes de forma verdadeira, pois a punição não modifica os nossos pensamentos, nossos hábitos, nossa forma de agir.

Adotando como referencial os aspectos teóricos e metodológicos apontados, buscamos valorizar o que há de melhor nas relações sociais, aceitando que cada sujeito possui valores e virtudes diferentes uns dos outros, mas que através da dialogicidade é possível - e necessário para o fortalecimento da democracia - o empoderamento de cada indivíduo que está inserido em nossas instituições.

Sabemos que o cenário nem sempre é favorável ao diálogo e à comunicação em nossas instituições de ensino, mas, por essa mesma razão, acreditamos que seja extremamente importante a criação de espaços para que os sujeitos possam desenvolver o hábito do diálogo, em que todos tenham o direito à fala, e os círculos restaurativos contribuem para esse exercício. Em vista disso, concordamos com Paulo Freire (1996, p. 52) quando ele diz: “sei que as coisas podem até piorar, mas também é possível intervir para melhorá-las”.

É com muita esperança que encerramos este trabalho e reafirmamos que entendemos a Orientação Educacional como um caminho de muitas possibilidades,

especialmente na mediação desse processo restaurativo, com foco na escuta do outro, na liberdade da palavra, promovendo a autonomia do sujeito, e auxiliando o aluno a desenvolver a sua capacidade de se relacionar consigo mesmo e com o outro.

Para concluir esse trabalho, extraímos um trecho do manual de iniciação à justiça restaurativa que contribui para o entendimento do processo de aprendizagem dos valores restaurativos:

Nessa dimensão ética, o processo de aprendizagem é eminentemente vivencial: conhecimento se constrói, valores se vive, ou seja, valores não são, como o conhecimento, incorporados ou assimilados como algo proveniente do mundo externo, senão que são despertados internamente e identificados como componentes de um repertório interno, congênito ao sujeito, através da experiência vivida (...) Vivências, identificações referenciais, exemplos de vida, testemunhos e narrativas passam a tecer a trama de conversações, internas e externas, a partir das quais o sujeito constitui sua visão de mundo e seus significados. (BRANCHER, 2008, p. 17)

Afinal, é a nossa visão de mundo que define como nos portamos diante dele, e isso deve ser levado em conta nas nossas atividades na Orientação Educacional, buscando a cada oportunidade a aprendizagem de valores que nos mobilizam: solidariedade, respeito, empatia, tolerância, acolhimento e perdão. Essa perspectiva de relacionamento, se internalizada na infância e na juventude, promoverá a formação de indivíduos autônomos e capazes de reproduzir essa mesma forma de superar as dificuldades de relacionamento em suas vidas. Para Vygotsky (*apud* oliveira, 1997, p. 102), “a internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana; e é a base do salto qualitativo da psicologia animal para a psicologia humana”.

Será somente através do diálogo que encontraremos a gênese de todos os conflitos, sejam eles escolares, ou não, mas a perspectiva de adotar a metodologia dos círculos restaurativos para que ocorra esse encontro, até o presente momento, mostrou-se como uma abordagem perfeitamente capaz de levar os sujeitos a reflexões profundas acerca de si mesmo e do outro, auxiliando-nos a internalizar os valores humanos e articular as diversas dimensões da conduta democrática do indivíduo na sociedade.

Semear um destino melhor para as novas gerações é um dos grandes compromissos da orientação educacional, e os círculos restaurativos podem ser o início de uma cultura de diálogo calcada nas virtudes éticas tão necessárias à sociedade atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem; [Tradução Michel Lahud]. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRANCHER, Leoberto *et al.* (Org). **Justiça para o século 21**: instituindo práticas restaurativas. Guia de utilização. Manual de Práticas Restaurativas. Porto Alegre: AJURIS, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GRINSPUN, Mírian P. S. Zippin. **Autonomia e ética na escola**: o novo mapa da educação. São Paulo: Cortez, 2014.

MATURANA, Humberto. Tradução: José Fernando Fortes. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

PELIZZOLI, Marcelo. **Cultura de paz**: educação do novo tempo. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

PRANIS, Kay; WATSON, Carolyn Boyes. **No coração da esperança**: guia de práticas circulares; [Tradução de Fátima de Bastiani]. Porto Alegre: Tribunal de

justiça do estado do Rio Grande do Sul, departamento de artes gráficas, 2011.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais; [tradução Mário Vilela]. São Paulo: Ágora, 2006.